

O ESTADO E SUAS PRÁTICAS SEGREGATIVAS: A ADOLESCÊNCIA E O TRÁFICO, UM RECORTE CLÍNICO

Ana Carolina Acorse de Andrade
Nilda Sirelli

[...] Moleque novo que não passa dos doze
Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje
Vira a esquina e para em frente a uma vitrine
Se vê, se imagina na vida do crime
Dizem que quem quer seguir o caminho certo
Ele se espelha em quem tá mais perto [...].

(Racionais. O mágico de Oz)

Um adolescente de dezessete anos, nomeado aqui de Brian, chega ao serviço de psicologia aplicada (SPA), da Universidade Federal Fluminense, no campus de Rio das Ostras, via uma demanda de sua mãe ao descobrir que o filho fazia uso de maconha desde os quinze anos. Este atendimento teve início em março de 2021, durante a pandemia do coronavírus, então todos os atendimentos aconteceram online, assim como suas aulas escolares. Vale ainda destacar, que os atendimentos são realizados de forma gratuita, o que possibilitou o acesso daquela família ao tratamento analítico.

Brian chega contando sobre um amigo que tinha passado a usar outras drogas, além da maconha, e se envolvido com o tráfico, e diz: “isso não é pra mim”. “Não” é a marca do recalque (Freud, 1915/2010), o que já sinaliza a importância dessa negação. Segue dizendo que seu pai sempre foi violento com sua mãe, mas ele só se deu conta disso aos treze anos, momento em que ele se afasta do pai, que era seu herói na infância.

Aos treze anos presenciou uma briga dos pais, e dessa vez foi socorrer a mãe, encontrou seu pai suspendendo-a pelo pescoço contra parede, sem saber como teve forças e coragem para isso, ele puxou seu pai. Seu pai se afastou dizendo: “então fica aí com esse outro merda”.

Dessa cena, dois elementos importantes apareceram, o primeiro é como ele conta de sua fantasia infantil sobre seu pai: “ele era meu herói”. Essa fantasia é importante para as crianças que estão assujeitadas e dependentes de quem ocupa este lugar parental, pois, sua vida depende dele e porque o enigma sobre o próprio desejo é respondido via desejo do Outro.

Outra questão importante, é como essa fala do pai ao se afastar, ganha um lugar de fixação para Brian, que recorre ao significante “merda” como um modo de devolver ao pai a dimensão do saber: “só faço merda”, “sou uma merda”, como se afirmasse “ele está certo sobre mim, ele sabe quem eu sou”. Brian aos prantos, diz: “não quero mais chorar, já chorei tudo o que tinha pra chorar”. Desdobra-se que sua demanda de análise estava na dificuldade em lidar com as falhas e faltas de seus pais, e de se separar deles subjetivamente, para então poder questionar o que queria e quem era, para além da herança simbólica a ele transmitida. Seus laços identificatórios se afrouxaram, dando espaço para questionamentos. Podendo se perguntar, por exemplo, se conseguiria terminar o ensino médio e assim ter espaço em uma universidade pública, construindo um destino diverso à merda.

A cena na briga narrada acima, tem como desfecho a separação dos pais, assim, Brian passou a morar com sua mãe e avó, e a ver seu pai esporadicamente. Não por coincidência, Brian começou a se cortar, a ter dificuldades escolares e a usar maconha, em um apelo ao Outro de que olhe, cuide e sustente uma posição desejante sobre ele. Sintomas endereçados ao Outro que apareceram ao longo de sua adolescência e em análise.

Segundo Alberti, uma vez que o sujeito adolescente não pode mais colocar seus pais na posição idealizada, ele questiona a autoridade parental. Questionar referências que eram

sólidas até então, produz um furo no saber do sujeito e o deixa com a questão “quem sou eu?”. Para a autora, nesse período existem dois grandes desafios a serem trilhados: “1) um longo trabalho de elaboração de escolhas e 2) um longo trabalho de elaboração da falta no Outro” (Alberti, 2010, p. 10).

Brian, como todo sujeito adolescente, começa a se questionar sobre si e seu destino, se seria possível um destino diferente dos outros homens de sua família, de seu bairro, de sua origem. No texto, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2016), Freud usa a metáfora em que o adolescente e seus pais precisam cavar um túnel, cada um de seu lado, para se reencontrarem, podendo ser um caminho sinuoso, difícil e necessário para que esse sujeito tenha escolhas. A presença dos pais é fundamental, assim esse sujeito pode escolher se afastar deles ou não, escolha que não foi dada a Brian, uma vez que seu pai foi se ausentando cada vez mais e sua mãe não tinha interesse em ouvi-lo. Muitas vezes diante de comportamentos adversos aos conselhos e ordens dos pais, eles acabam se afastando, não dando a chance do adolescente poder se separar contando com os pais, ficando, assim, desamparado. Diante disso, busca a atenção dos pais de diversas maneiras, muitas vezes perigosas para eles mesmos, como uso de drogas e automutilação (Alberti, 2010).

É importante destacar que, Brian morava em uma área com atividades do tráfico frequentes, ele convivia com o uso de drogas e violências desde sua infância. Viu alguns colegas levarem surra de traficantes e alguns serem assassinados. Além disso, seu pai teve uma infância difícil, seu avô paterno usava drogas e “sumiu no mundo”; seu tio, também fazia uso de drogas, se envolveu com o tráfico e foi assassinado.

Ao falar dessa ausência dos pais, ocorreram algumas faltas não justificadas, ao que ele justificava ter esquecido, me perguntando se eu poderia mandar uma mensagem o lembrando do horário do atendimento. Freud (1916/2014) em o texto O sentido dos sintomas, expõe que todo sintoma possui um sentido, assim como os atos falhos e sonhos. Estes são uma produção do inconsciente, e endereçam uma mensagem a ser decifrada.

Assim como ele esperava a mãe quando pequeno trazer seu leite quente para dormir, assim como esperava que sua mãe o lembrasse de seus compromissos médicos e escolares, ele queria que eu o lembrasse, ele queria, com seu sintoma do “esquecimento”, ser lembrado. Mas o espaço de análise é responsabilidade dele, e aos dezessete anos é capaz de cuidar de seus horários sem precisar de supervisão, já está bem grandinho, mas teima em abrir mão dessa demanda de ser olhado, lembrado, lugar onde se vê amado pelos seus pais e que testa o amor do Outro.

O analista, como objeto a ser investido na transferência, possibilita a atualização do inconsciente, ali onde toda demanda se abre, e se faz material de trabalho. A repetição, diz de modo como endereça um pedido de amor aos seus pais, agora a analista, e essa é a questão a ser trabalhada, para que ele possa sustentar um desejo próprio: a análise, o estudo, as garotas... e não, fazer do fracasso em sustentar isso, um apelo ao Outro.

Como dito antes, todo sintoma está endereçado, e as faltas de Brian na análise se endereçam à analista no lugar do Outro, a quem ele demanda: “me lembre, se lembre de mim”. Algo que ele não conseguia dizer de outra forma estava aparecendo ali em uma mensagem cifrada no sintoma pela falta, como uma demanda que eu o lembrasse. É surpreendido com o fato de que mesmo com suas faltas, a analista continuava o esperando e sustentando o desejo de escutá-lo. Constatação que o liga ao tratamento.

Nesse contexto, a escola era um espaço importante para Brian, ele amava estudar filosofia, e, via ali com entusiasmo o seu desejo de saber. Contudo, durante a pandemia, ele não conseguia ter acesso ao material escolar, para que pudesse continuar seus estudos e concluir o período letivo, sem computador e com uma internet que mal sustentava as sessões, ele precisava do material impresso. Ele faz um apelo para que a mãe o acompanhasse até a escola, para que ele pudesse retirar as apostilas, ao que ela não dá ouvidos, ele vai sozinho até a escola decidido a tentar junto à diretora, mesmo sabendo que precisava de um adulto responsável para conseguir o acesso ao material, porém, desiste antes de conversar com ela. Volta para a casa sem o material didático escolar, ao

que a mãe ou qualquer outro familiar ou mesmo a escola, não se dão conta, mesmo já estando avançado no ano letivo.

Brian estava muito frustrado com a possível reprovação na escola, dizia não fazer nem sentido prestar vestibular, e que não conseguia arrumar emprego por ser menor de idade. Então, ele vem a sua sessão dizendo que iria deixar a escola e entrar para o tráfico, que ele não tinha motivação, que seus professores e seus pais não se importavam, então por que ele deveria? Brian se deixa cair na vida escolar, porque se vê deixado cair por seus pais e pelo Estado. Ao contar à mãe sobre sua dificuldade na escola endereça um pedido de ajuda que não vem. E se antes ele dizia da dificuldade, a partir do não investimento materno, ele desiste de tentar “não vai ter jeito mesmo”. Posição de alienação frente ao Outro, em que o sujeito se deixa cair quando não encontra um lugar no desejo do Outro (Alberti, 2009). Posição a ser apontada tanto para ele, quanto para a mãe: “seu filho precisa de você, ele não é mais criança, mas precisa de você”.

Destacamos aqui, para além do desamparo deixado pelos pais, aquele deixado pela escola, pela ausência de políticas públicas que de fato possibilitem o acesso ao saber escolar. Os pais não são acionados para informar sobre o material didático, não é oferecido às crianças e adolescentes das escolas públicas qualquer recurso para o acesso online, possibilitando algum amparo e a transmissão de um desejo sobre eles. Vale destacar, que não se trata de uma contingência daquela escola, e sim de uma política pública de desvalorização, desinvestimento e sucateamento das escolas públicas, que, embora recebam entre 85 e 87% dos alunos de ensino fundamental e médio (Agência Brasil, 2023), não realizam um investimento decidido do Estado, na educação e no desejo de que nossas crianças e adolescentes avancem com relação ao saber, e a produção de outros destinos possíveis. Ao mesmo tempo, que esse sucateamento fortalece o setor privado.

Evidencia-se assim, uma ausência de políticas públicas que de fato transmitam um desejo de vida sobre esses adolescentes, especialmente esses, que se encontram em zonas periféricas e com poucos recursos materiais que deem amparo na sustentação do desejo de saber.

Brian sabia da possibilidade de morte envolvida no tráfico, além de amigos, dois familiares já haviam sido eliminados pelo tráfico, um morto e o outro desaparecido, mas estava preso no discurso do Outro de que só lhe restava mesmo a posição de merda a ser expelida. É preciso lembrar que o discurso dos pais é perpassado por um discurso sobre aqueles que habitam aquele território. Discurso sustentado pelo Estado nas políticas de morte e guerra às drogas que direciona a alguns territórios.

Afinal, como destaca Sirelli (2021), as políticas públicas são via de transmissão do desejo do Outro, e longe de investirem pela via da proteção e do amparo, se trata de um investimento mortífero, uma “merda” a ser eliminada. É exatamente a essa resposta perversa, já dada pelo Estado, que Brian recorre diante da angústia de todo sujeito adolescente, ao se ver deixado cair no desejo dos pais. E nesse sentido, vale pontuar que é interessante que, no espaço de análise, a analista possa interrogar sobre o saber e a utilização de espaços oferecidos pelos Estado, desde auxílios e bolsas, jovem aprendiz, cursinhos populares, pois, ao fazer isso, a analista faz uma aposta desejante nesse sujeito, de que o tráfico e a merda não são os únicos lugares possíveis para ele. Brian, que gostava muito de estudar filosofia, vinha elaborando o que os estudos poderiam significar na vida dele ao quebrar um ciclo familiar por escolhas mortíferas via tráfico e violência, vislumbrando possibilidades até então inéditas. Ao se deparar com a falta de seus pais, mas também com a falta de amparo na própria estrutura escolar, ele recua, como se a única resposta possível fosse aquela que já estava traçada. Como muitos outros jovens periféricos, via no tráfico uma possibilidade de ganhar dinheiro, status e garotas, eis o discurso manifesto! Mas, não só, pois, o tráfico era cogitado todas as vezes que lhe era negada outra possibilidade, surgindo como único destino possível, e atrelado a merda e a morte. Foi preciso que a analista, sustentasse seu desejo de saber, e a busca de saber só é possível atrelada a vida, e para não o deixar cair, convoca Brian para análise, no dia marcado para si aliar a facção de seu bairro: “Você não vai até o tráfico, você vai vir a sua análise falar

disso, estarei te esperando!”. Desejo do analista que pode reposicionar esse destino mortífero, tornando possível para ele fazer outra escolha.